

JORNAL O GALO

Venâncio Mondlane, que enfrenta restrições legais em Moçambique por acusações de incitação à violência durante protestos pós-eleitorais, foi impedido de entrar em Angola sem qualquer explicação clara.



A VERGONHADO DO ESTADO ANGOLANO INTERNACIONALIZOU

O incidente ocorreu quando Pastrana e outros convidados chegaram a Luanda para participar de um fórum organizado pela Fundação Brenthurst e pelo Centro Democrata Internacional (IDC-CDI), em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e o World Liberty Congress. O evento, marcado para ocorrer em Benguela, tinha como objetivo discutir os desafios e avanços da democracia no continente africano.



**IAN KHAMA
EX.PRESIDENTE DO
BOTSWANA
HUMILHADO EM
ANGOLA**



Enquanto os convidados retidos aguardam respostas, a comunidade internacional observa com indignação. A humilhação de ex-presidentes e líderes políticos não é apenas um ataque à democracia, mas também uma mancha na reputação de Angola.

RETENÇÃO NO AEROPORTO DE LUANDA : POLÍTICOS E EX.PRESIDENTES IMPEDIDOS DE PARTICIPAR EM CONFERÊNCIA SOBRE DEMOCRACIA

Numa cena que expõe as contradições de um regime que se diz democrático, o político moçambicano Venâncio Mondlane e os ex-presidentes da Colômbia, Andrés Pastrana, e do Botsuana, Ian Khama, foram retidos nesta quarta-feira, 4 de fevereiro, no aeroporto 04 de Fevereiro, em Luanda. Os líderes viajavam para participar de uma conferência internacional sobre democracia, organizada pela Fundação Brenthurst, que teria lugar em Benguela, no sul de Angola. O incidente, que envolveu a retenção de 13 dos 17 convidados estrangeiros, foi confirmado por fontes da UNITA, principal partido da oposição angolana.

A situação gerou indignação e levantou questões sobre o compromisso do governo angolano com os valores democráticos que a conferência pretendia promover. Segundo Olívio Kilumbo, deputado da UNITA, os convidados, incluindo Mondlane, Khama e Pastrana, foram impedidos de prosseguir viagem sem qualquer explicação clara. "É uma situação vergonhosa e contraditória. Como pode um governo que se diz democrático impedir a entrada de figuras que vêm discutir justamente a democracia?", questionou Kilumbo.

Lázaro Kakunha, secretário-geral adjunto da UNITA, reforçou o absurdo da situação ao destacar que muitos dos convidados, incluindo Mondlane, não precisavam de visto para entrar em Angola, por serem cidadãos da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). "Estamos a falar de líderes respeitados, ex-presidentes e figuras políticas que foram convidadas para um evento legítimo. A retenção não tem justificação e mancha a imagem de Angola perante a comunidade internacional", afirmou Kakunha.

Venâncio Mondlane, político moçambicano e uma das vozes críticas do governo de Maputo, enfrenta restrições legais em seu país por acusações de incitação à violência durante protestos pós-eleitorais. No entanto, essas restrições não deveriam interferir em sua entrada em Angola, já que a jurisdição moçambicana não se sobrepõe à angolana. Alberto Quechinacho, advogado de Mondlane, afirmou que o político "não está em fuga" e que sua detenção no aeroporto de Luanda carece de fundamento legal. "Não há qualquer motivo para impedir sua entrada. Ele foi convidado para um evento legítimo e cumpriu todos os requisitos necessários", disse Quechinacho.



Já Andrés Pastrana, ex-presidente da Colômbia, descreveu a situação como "um ato de inépcia e autoritarismo". Em um áudio enviado a uma rádio colombiana, Pastrana afirmou que foi mantido refém no aeroporto sem qualquer explicação. "Vim a Angola para discutir democracia, mas fui recebido com autoritarismo. É uma ironia triste e preocupante", declarou. Ian Khama, ex-presidente do Botsuana e conhecido por sua defesa dos direitos humanos e da democracia na África, também foi alvo da mesma medida arbitrária. A retenção de Khama, uma figura respeitada internacionalmente, só aumenta o constrangimento do governo angolano, que agora enfrenta críticas de organizações internacionais e da imprensa global.

A VERGONHA DO ESTADO ANGOLANO: EX-PRESIDENTES HUMILHADOS EM LUANDA AO TENTAR PARTICIPAR DE EVENTO EM ANGOLA

O ex-presidente colombiano Andrés Pastrana (1998-2002) foi libertado nesta quarta-feira após passar horas retido no aeroporto de Luanda, Angola, em um episódio que expôs ao mundo a face autoritária e humilhante do governo angolano. Pastrana, que viajava a convite de organizações internacionais para participar de uma conferência sobre democracia, foi tratado como um criminoso, sem qualquer explicação ou justificativa plausível. O caso não foi isolado: outros líderes africanos, incluindo ex-presidentes e figuras políticas de renome, também foram detidos, em um claro ato de intimidação e desrespeito.

O incidente ocorreu quando Pastrana e outros convidados chegaram a Luanda para participar de um fórum organizado pela Fundação Brenthurst e pelo Centro Democrata Internacional (IDC-CDI), em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e o World Liberty Congress. O evento, marcado para ocorrer em Benguela, tinha como objetivo discutir os desafios e avanços da democracia no continente africano. No entanto, o governo angolano decidiu que o tema era inconveniente e optou por barrar a entrada dos participantes, transformando o aeroporto em uma espécie de prisão temporária.

Em um áudio enviado a uma rádio colombiana, Pastrana descreveu a situação como "uma inépcia de um governo que tenta pressionar e silenciar vozes democráticas". Ele afirmou ter sido mantido refém, sem acesso a informações ou justificativas. "Fui detido no aeroporto de Luanda pelo governo angolano, que está bloqueando a entrada de um grupo de políticos africanos convidados para discutir democracia", escreveu o ex-presidente em sua conta na rede social X.

A humilhação não se limitou a Pastrana. Entre os retidos estavam o ex-presidente de Botsuana, Ian Khama, e o político moçambicano Venâncio Mondlane, ambos figuras de destaque em seus países. Mondlane, que enfrenta restrições legais em Moçambique por acusações de incitação à violência durante protestos pós-eleitorais, foi impedido de entrar em Angola sem qualquer explicação clara. Seu advogado, Alberto Quechinacho, questionou a legalidade da detenção e afirmou que não há informações oficiais sobre o paradeiro do político. "Ele não está em fuga", disse Quechinacho, destacando que a jurisdição moçambicana não tem autoridade sobre as decisões angolanas.

Lázaro Kakunha, secretário-geral adjunto da UNITA, principal partido da oposição angolana, confirmou que 13 dos 17 convidados internacionais foram retidos no aeroporto. "É uma vergonha para o nosso país", disse Kakunha, em declarações à Lusa. "O governo angolano está mostrando ao mundo que não tolera o debate democrático e que está disposto a humilhar ex-chefes de Estado para silenciar vozes críticas."

O Ministério das Relações Exteriores da Colômbia confirmou que estava ciente da situação e que o consulado em Pretória e a embaixada na África do Sul, que também cobrem Angola, estavam trabalhando para resolver o impasse. No entanto, até o momento, não houve nenhum comunicado oficial do governo angolano que justifique ou explique as detenções. O Serviço de Migração e Estrangeiros (SME) de Angola prometeu esclarecimentos, mas a demora só aumenta a sensação de que o governo age de forma arbitrária e opaca.



O episódio é mais um capítulo na longa história de autoritarismo e repressão que marca o regime angolano. Ao barrar a entrada de figuras proeminentes que vinham discutir democracia, o governo não apenas humilhou seus convidados, mas também enviou uma mensagem clara ao mundo: em Angola, o debate democrático não é bem-vindo. A ironia é cruel: um evento que buscava fortalecer a democracia foi sabotado por um governo que parece temer a própria ideia de liberdade e diálogo.

Enquanto os convidados retidos aguardam respostas, a comunidade internacional observa com indignação. A humilhação de ex-presidentes e líderes políticos não é apenas um ataque à democracia, mas também uma mancha na reputação de Angola. O país, que busca se consolidar como um ator relevante no cenário africano, acaba de mostrar ao mundo que, para seu governo, o autoritarismo ainda fala mais alto que a liberdade. E isso, sem dúvida, é uma vergonha difícil de apagar.

REDES SOCIAIS



Tundu Antiphas Lissu 
@TunduALissu

Seguir

Angolan immigration authorities are holding up and denying entry into Angola for me and a delegation of more than twenty senior leaders and representatives of political parties from across southern Africa who arrived in Luanda earlier today for a planned two day meeting.



Andrés Pastrana A 
@AndresPastrana_

A esta hora me encuentro retenido en el aeropuerto de Luanda, por el gobierno de Angola, el cual bloquea la entrada de un grupo de políticos africanos invitados por la Fundación Brenthurst [@BrenthurstF](#) y la Internacional Demócrata de Centro (IDC-CDI), organización global que presido.

465 Retweets 641 Likes

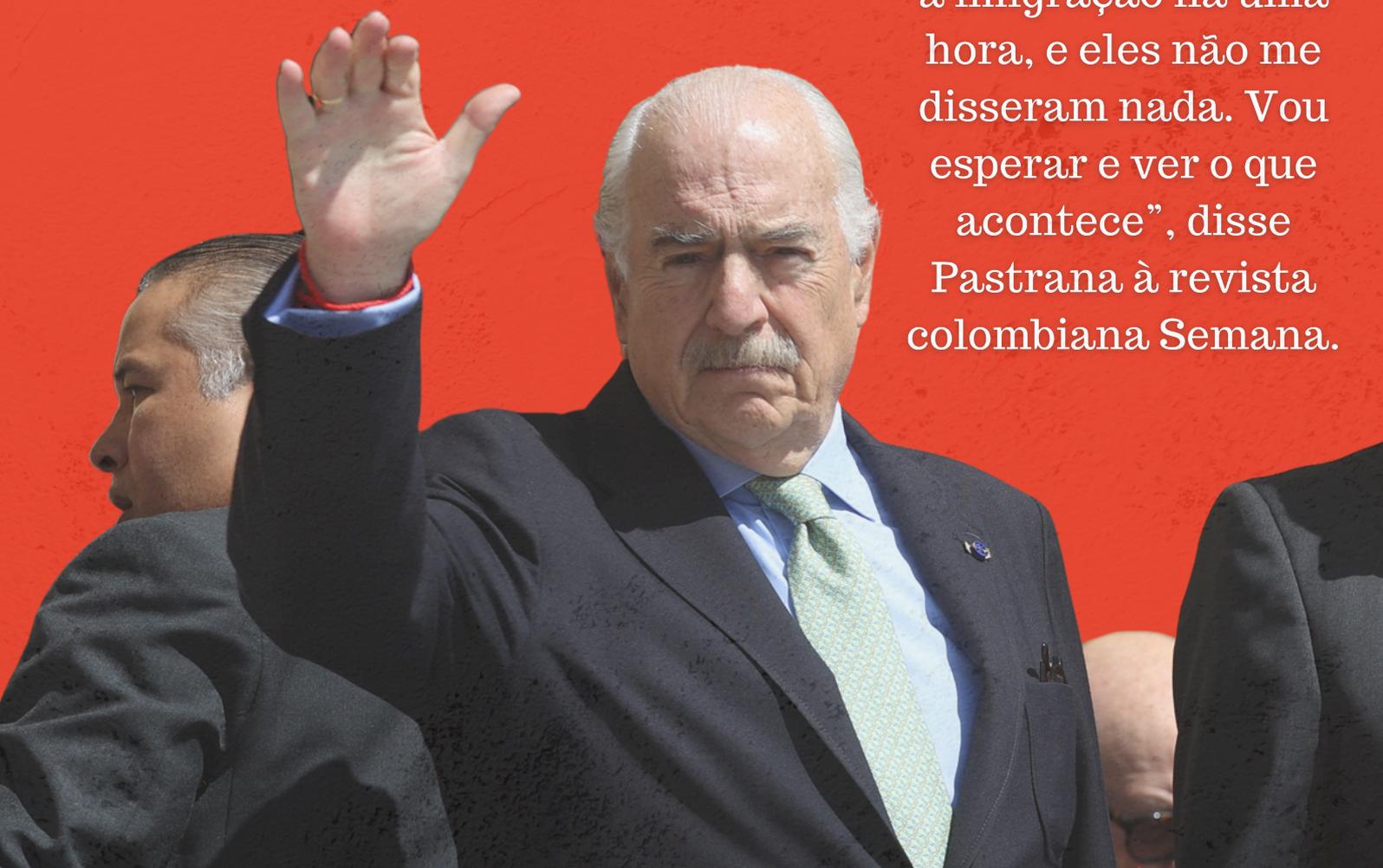


ACT
O POVO DO
LUCAPA TE 

“As autoridades de imigração angolanas estão impedindo e negando a entrada em Angola para mim e uma delegação de mais de vinte líderes seniores e representantes de partidos políticos de toda a África Austral que chegaram a Luanda hoje mais cedo para uma reunião planejada de dois dias”. - Ex-candidato às presidenciais na Tanzânia.



“Estou aqui em frente à imigração há uma hora, e eles não me disseram nada. Vou esperar e ver o que acontece”, disse Pastrana à revista colombiana Semana.



CURIOSIDADES SOBRE A FUNDAÇÃO BRENTHURST E FUNDAÇÃO ADENAUER STIFTUNG



A Fundação Brenthurst foi criada para dar continuidade à Iniciativa Brenthurst dos Oppenheimers de agosto de 2003. A iniciativa foi projetada para instigar um debate na África do Sul sobre estratégias políticas para atingir maiores taxas de expansão econômica.

Hoje, a Fundação tem um foco africano mais amplo e visa encontrar maneiras de atrair o investimento necessário para a "regeneração e prosperidade continentais". A organização pretende fazer uma contribuição valiosa para o crescimento econômico na África, criando um ambiente propício para mudanças econômicas positivas, a fim de fortalecer a importância da África no mercado global.

A Fundação tem desempenhado uma série de funções em vários países do continente, incluindo no Gana, Zâmbia, Quênia, Zanzibar, Malawi, Lesoto, Somalilândia, Sudão, Ruanda, Moçambique, Mali, Essuatíni, Marrocos, Zimbabué, Namíbia e Etiópia.

A Fundação Konrad Adenauer (Konrad-Adenauer-Stiftung ou KAS em alemão) é uma instituição benemerente alemã associada ao partido da União Democrata-Cristã. Foi fundada em 1956 como "Sociedade para a Obra da Educação Cristã Democrática" e rebatizada em 1964, em homenagem ao ex-chanceler Konrad Adenauer. A sede da fundação está localizada em Berlim.



A Fundação Konrad Adenauer é uma Fundação alemã que simpatiza com os valores do partido político CDU, União Democrata Cristã da Alemanha e depende quase completamente do financiamento público da República Federal da Alemanha. Como co-fundador do partido CDU e primeiro Chanceler alemão, Konrad Adenauer (1876-1967) aglutinou as tradições sociais, cristãs, conservadores e liberais. O seu nome representa a visão da reconstrução democrática da Alemanha, a consolidação externa numa sociedade de valores transatlânticos, transfronteiriços, a visão da unificação europeia e a orientação na economia social do mercado. O seu legado intelectual constitui a base do trabalho da Fundação que tenta de atuar como uma "fábrica de pensamento" do partido CDU. Contando com de mais de 70 escritórios no mundo inteiro e projetos em mais de 120 países, a Fundação contribui, por iniciativa própria, para a promoção da democracia, do estado de direito e da economia social de mercado.



